

O Clube do Litroexiste tanto em Goiânia quanto em Brasília

todas possam participar dentro de suas realidades. “Criamos grupos locais, para aproximar mulheres que moram perto, e eventos simultâneos, para que ninguém precise atravessar a cidade. Também pensamos muito nos custos. Normalmente são quatro eventos por mês, com valores variados, do mais acessível ao um pouco mais elaborado, para que todas consigam participar dentro da sua realidade”, explica. Com regras claras e organização definida, a ElasHub se apresenta como uma rede de apoio feminina. Respeito, escuta, atividade e hierarquia fazem parte dos combinados que sustentam o grupo.

Pertencer pelo esporte

Se na ElasHub a amizade nasce como resposta à solidão e se transforma em uma rede de cuidado entre mulheres, no T Mosqueteiros (@sctmosqueteiros) o pertencimento também surge da necessidade de existir com segurança. Em comum, os grupos compartilham a busca por espaços onde o afeto seja elo e a presença não precise ser explicada. A força do encontro aparece como elemento central na construção de vínculos. O grupo surgiu como resposta às barreiras enfrentadas por pessoas transmasculinas em espaços tradicionalmente excludentes. Um dos fundadores do coletivo é Tatto Oliveira, 46 anos, que acompanha desde o início a construção do grupo. O que começou como um time de futebol se consolidou, ao longo do tempo, como um espaço de convivência, apoio e fortalecimento coletivo.

A ideia nasceu em 2019, durante rodas de conversa realizadas no Centro de Cidadania LGBTI+ Laura Vermont, equipamento da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania da Prefeitura de São Paulo. Naquele contexto, o debate sobre o acesso de pessoas trans ao esporte evidenciou o impacto positivo da prática esportiva na saúde mental e no convívio social. O futebol apareceu, então, como uma ferramenta de inclusão e criação de vínculos. Atualmente, o T Mosqueteiros conta com 53 pessoas no time oficial e outras 101 que participam de forma eventual ou demonstram interesse em integrar o grupo. A organização é feita por uma comissão interna, responsável por diferentes frentes, como encontros presenciais, treinos,

Fotos: Arquivo pessoal



O grupo T Mosqueteiros surgiu como resposta às barreiras enfrentadas por pessoas transmasculinas em espaços tradicionalmente excludentes



“A amizade foi se construindo, mas com propósito. Quando mulheres se unem, elas florescem”, diz Mariana (de preto), fundadora da ElasHub

eventos e ações de apoio social. Os treinos ocorrem na Nossa Arena, na Barra Funda, São Paulo, local que desde 2022 se tornou a casa do time e um ponto de fortalecimento do futebol inclusivo. O funcionamento do grupo é sustentado por regras claras, baseadas no respeito e na convivência segura. Não são toleradas práticas de LGBTfobia, racismo, violência ou qualquer forma de discriminação. Para participar dos treinos, é necessário compromisso com o coletivo, frequência e atenção à própria saúde. A principal diretriz é a conexão entre os integrantes e a responsabilidade com as pessoas que fazem parte do grupo. Para Tatto, jogar em um espaço pensado para pessoas trans muda completamente a experiência esportiva. “Não se preocupar se alguém vai me tirar de dentro de um banheiro. Ter a segurança de saber que é um lugar onde a ideia principal é praticar esporte e socializar.” Segundo ele, as transformações percebidas ao longo do tempo vão além do campo. “É de tudo um pouco. Vivências pessoais com as mudanças hormonais no corpo, viver essas vitórias juntos e até a melhora no convívio com a família, que pode parecer simples, mas impacta diretamente a vida dessas pessoas”, conta. Com o passar do tempo, o que nasceu como um time também se tornou um espaço de amizade e acolhimento. Jogar em um ambiente pensado para pessoas trans elimina medos cotidianos e permite que o foco esteja no esporte e na socialização. Fora das quatro linhas, o grupo fortalece vínculos, autoestima e trajetórias individuais.